

Mulheres, Abrandai

A crônica policial traz freqüentemente um noticiário bastante esquisito, para não dizer reimoso e amedrontador, com relação à crescente coragem e vigorosa reação de esposas vingativas, desobedientes e indisciplinadas. É: ao que tudo indica, as mulheres, mesmo as cunhãs mais modestas, não estão mais dispostas a aceitar os poucos, antigos abusos maritais com aquela tradicional, bíblica, louvável paciência dos tempos de antigamente. Nem mesmo a reagir na linha proporcional da pena de Talião, como vinha sendo feito mais modernamente. Pouco a pouco vão passando para o plano da resposta agressiva, vão retribuindo as ofensas (algumas tão pequenas, que nem mereciam reprimendas) com outras muito mais graves, muito mais violentas.

Como foi o caso daquela crioula daqui de Fortaleza, que, tendo posto o almoço do marido, se deu conta, pouco tempo depois, de que o homem, num abrir e fechar de olhos, comera tudo o que lhe fora servido — não lhe deixara nem um taco de carne. Doida de cólera, foi lá dentro, na cozinha, voltou convenientemente armada, desfechou duas facadas na barriga cheia do glutão. Foi ele para o Pronto-Socorro e ela, algumas horas mais tarde, posava para o fotógrafo, através das grades, sem a menor demonstração de arrependimento. Donde se conclui que a fome é mesmo má conselheira.

Uma outra estória se passou também aqui na nossa cidade — foi lá no Pan-Americano: a doméstica Petronília Costa, de 31 anos de idade, por ocasião do jantar (não sei por que, as brigas mais perigosas são sempre nas horas de comer), somente porque o esposo, Raimundo Nonato da Costa, deu-lhe alguns, certamente necessários socos (vai ver, foi bem de leve), ela reagiu inesperadamente a faca, atingindo-o na cabeça. O desfecho foi que nem o anterior: o homem transportado para curativos de urgência e a valente para a 5ª Distrital.

Pior ainda, a meu ver, foi aquele caso que ocorreu em Recife. Um senhor, por nome Francisco Domingos Gomes da Silva, passava a maior parte do tempo cuidando de uma barraca que possuía no bairro da Torre — e às vezes, por dever de ofício, era obrigado a dormir lá mesmo, no local do trabalho.

Enquanto isto, Severina, a mulher, com bastante senso de oportuna comodidade, tratou de contrair um amante, serviu-se do vizinho mais à mão, Amaro Pedro da Silva, também conhecido por Marca-Olho.

Pois bem, o cão, embora com algum atraso, soprou no ouvido do infeliz enganado que, para surpresa de todos, reagiu na melhor linha do homem civilizado atual: em vez de lavar a honra com sangue, como era de uso antigamente, foi ao Senhor Delegado, depôs a queixa. Foi então que Severina, intimada, compareceu triunfante, prestou declaração com impressionante cinismo, confessando calmamente a infidelidade e alegando, como razão poderosa, que o marido não esbarrava em casa.

— Quem manda ele dormir fora? Eu trabalho de doméstica mas venho dormir em casa!

Mas o mais grave estava por vir. Um outro vizinho chamado a depor contra a adúltera declarou perante a autoridade que vira várias vezes Rita Severina em colóquio com o amante — e acrescentou que os encontros eram de tal forma escandalosos, que teve de fazer reparos na parede divisória, para não ouvir a algazarra do

casal. No meio da qual feliz algazarra, Severina, vingando-se da ausência de Domingos, dizia, motejadora, em alta voz, que Marca-Olho sim, é que era o bom.

Por estas três curtas, verdadeiras estórias, é fácil concluir que as coisas estão marchando num rumo muito perigoso e que a honrada, laboriosa, respeitável, numerosa classe dos maridos, tomando esses exemplos na devida estima e consideração, deve-se unir-se tão cedo quanto possível e fundar um órgão que se encarregue da sua defesa, estabelecendo um certo número de cláusulas salvadoras, com as reivindicações mais justas, para evitar reações violentas em casos tão banais como os citados, num dos quais, só por causa de alguns poucos socos pedagógicos, com que o esposo achou por bem exemplar sua desalmada mulher, foi injustamente agredido a faca.

Ó esposas, abrandai. Pois está dito na epístola de São Paulo aos Efésios que o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja. Portanto, mais obediência, mais humildade, mais submissão, mais paciência, mais perdão, ó Vós todas, impulsivas, degredadas filhas de Eva, que recebestes vosso marido, prêmio e senhor, no altar de Deus.

Apesar de tantos casos desencorajadores, sossegai, maridos, não há razão para pânico imediato, porque nunca estareis sozinhos, a classe aumenta cada dia, apesar de tudo. Apoiai-vos naquele dito muito gasto, mas inegavelmente verdadeiro e ensinante — a união faz a força. Tem muita gente suspirando para cair nas malhas sagradas do matrimônio, tem deles até, tristes solteiros, que, não satisfeitos de caçar esposas pessoalmente, ainda deitam anúncio e retrato nos jornais e revistas, se oferecendo e pedindo.